

São Luís completa 410 anos de História mas não tem muito o que comemorar

PAG. 4 e 5



Cena captada por Marcus Studio em frente ao Mercado da Praia Grande

Uma festa em família na Ilha de Curupu celebrou os 80 anos de Mariazinha Saldanha

PAG. 2



Divulgação/Márcio Prado



NO MUNDO

da moda ela é uma new face. Ou seja, um rosto novo que está despontando no mercado. Assim é Sarah Soares, linda graduanda de Nutrição que está em preparativos para participar de um concurso estadual de beleza

PAG. 3

AS CIDADES

com os seus prédios úmidos tombados à espera de leis são um conjunto de fugas

As palavras fazem sentido quando alguém mora nelas. Casas abandonadas, imóveis vazios, taperas, fachadas, varandas com luzes acesas de dia, significando ausência, cães com sede, caixas de correspondência abarrotadas, janelões de vidro, prédios úmidos tombados à espera de leis.

As cidades são um conjunto de fugas, intensificadas por praças às moscas, onde dormem maltrapilhos, calçadas tomadas pelo comércio sujo, por estacionamentos improvisados, por postes que interrompem o caminho, por lajotas soltas, grama crescendo nas calçadas, paralelepípedos empilhados montando guarda junto a uma placa, de letras enferrujadas.

Assim é o texto, o poema, o discurso, a reportagem: uma engenharia de ruínas.

A não ser que existam pássaros que são recebidos pela criança olhando, com sono, pelo vidro embaçado da chuva. Ela sorri, ao lado do leite morno. Há cheiro de edredons limpos que tomaram sol. Mesa do café com debate sobre um filme, um livro, uma notícia, pilhas de papéis em desalinho, onde se acham preciosidades, sopros súbitos de portas que se abrem,

passos de avó silenciosa a esfregar as mãos, adolescentes vidrados numa tela, homens e mulheres prontos para o trabalho, barulho de escolas nos uniformes de alunos apressados.

Assim é a palavra habitada, a que fica e deixa descendência.

Mas existem as férias, os feriados, as viagens e por alguns dias ou semanas o verbo se esvazia de sentido e ficamos sós diante do mar e o destino, a esperar os peixes-pedra que atualmente aportam de forma tímida por essas bandas. Temos as gaivotas, os guarás, mas eles não são novidade, não obedecem ao ciclo das aves, não arribam, não nos deixam. Somos como as pedras nesta praia eterna, a aguardar navios ancestrais soltos pelo ar. Queremos a transcendência e para isso preparamos a frase, o verso, o quadro. Somos os artistas que

cultivam o sereno em baías atormentadas por cardumes extintos.

Queremos compartilhar o júbilo da criação, sentinela de nossos hábitos. Queremos a música dessa transfiguração, a arte em todos os sentidos. Mas vemos pessoas impermeáveis, rostos de ganância, loucuras mansas, tremores brutos a cavocar linhas na paisagem humana sem futuro. Fazemos parte desse desespero. O espelho aponta como somos, idênticos aos que nos cercam. A diferença é que guardamos talentos, moedas de uma história oculta, para gastar em empreendimentos de sonhos. Somos mal vistos porque escapamos do ruído que vampiriza o tempo.

Por isso andamos em busca de ruas onde crianças brincam, adultos conversam, papa-

gaios se enforcam nos fios. Queremos bater no portão para dois dedos de prosa. Queremos lembranças, projetos, canteiros.

Quem nos receberá com nosso verbo arduamente habitado? Talvez os que se foram e precisam de qualquer oração, desde que tenha calor, fogo brando. Talvez os que ficaram para trás e olham os comboios sumirem no horizonte. Ou talvez os guerreiros do front, com os quais nos enquadrámos, a dividir armas de uma guerra insepulta. Combateremos lá, na sombra cometida pelo desatino e o desgoverno.

Estamos chegando. As palavras são apenas a vanguarda do que somos capazes de fazer, neste tsunami. Anunciamos a hera que cobre o muro e o transforma em cerca viva, a bola que é chutada para o centro da rua, o vento que deslumbra, a luz que derruba, os corações que ardem.

Somos alguma coisa parecida com um anjo. Há um exercício de asas, um recreio de vozes, uma carga de raios. Notem como se agitam as casas abandonadas. Elas recuperam a esperança de expulsar o pó. Trazemos o pão na cesta de vime. Somos o despertar de uma estação ainda dividida entre o sono e a batalha.

Fotos/Divulgação/Marcus Studio



A aniversariante com os filhos, netos e bisnetos



Rosa Almeida, Fernando e o pai Felipe Santos, Mariazinha Saldanha, Maria Sofia Sarney Santos, Felipe e a mãe Maria Fernanda Sarney Santos



Cintha e Fernando Santos com os filhos Felipe e Victor

FESTA DOS 80 ANOS de Mariazinha Saldanha

O cenário não poderia ser mais bonito e descontraído: a casa de veraneio de Teresa e Fernando Sarney na Ilha de Curupu, na baía de São Marcos.

Com uma reunião em família, com todos os participantes usando roupa branca, Maria Fernanda e

Felipe Saldanha Santos, promoveram um almoço para comemorar os 80 anos de Maria do Carmo Saldanha – ou simplesmente Mariazinha, conselheira aposentada do extinto Tribunal de Contas do Município.

Ao lado da companheira Rosa Almeida, dos três

filhos, netos e bisnetos a aniversariante foi brindada com uma suculenta Feijoada, Bolo de Penha, Bem-vívidos de Elvira Bona, docinhos de Carmita e tortas de Rosário Saldanha.

Bela e alegre festa registrada por Marcus Studio para esta coluna.



Mariazinha com os três filhos: José Alberto Braga Junior, Cinthya Santos e Ivar Saldanha Braga



Ivarzinho com Jeane e os filhos Luca e Murilo com a aniversariante



Jeane Adler, Maria Fernanda Sarney Santos, Vanessa e Mariazinha Saldanha



Fernando Albuquerque e Rosário Saldanha, Mariazinha e Rafael Saldanha Albuquerque



Felipe Santos e Maria Fernanda com os filhos Maria Sofia, Fernando e Felipe



Cintha e Fernando Nogueira Santos com os filhos, as noras e os netos



Mariazinha Saldanha com o filho Júnior, a neta Mariana e a bisneta Pilar



Carla Aquino, Rosário Saldanha, Cinthya Santos, Mariazinha e a sobrinha Kézia Saldanha



Todos os convidados reunidos para o brinde dos 80 anos de Mariazinha



Vista da bellissima Ilha dos Porcos, no litoral paulista

ILHA DOS PORCOS, UM PARAÍSO BRASILEIRO À VENDA

É "uma ilha e suas benfeitorias, bem como uma residência de alto padrão e imóveis de apoio no interior da ilha". Assim se anuncia esta ilha que vai ser leiloada este mês por, pelo menos, 30 milhões de reais. Quem quiser se aventurar à concessão – é propriedade do Estado – pode enviar uma proposta pela ilha dos Porcos. Sonhemos, portanto. Sentados na areia, contemplando o sol a descer lentamente no horizonte. Só a natureza canta, nada mais. Atrás de nós, os sussurros das árvores que balançam ao sabor do vento e os animais que se adivinham; à frente, as ondas que rebentam aos nossos pés. Deserta e afastada do mundo. O que vale é que se o homem sonha, a obra nasce, já dizia o poeta Fernando Pessoa. É que, se estiver entre os contemplados com uma carteira suficientemente

bem recheada, esta ilha aparentemente idílica pode ser sua.

Chama-se Ilha dos Porcos (também é conhecida por Ilha dos Porcos Pequena ou ainda Ilha da Almada) e faz parte do Parque Estadual da Serra do Mar, em Ubatuba, no litoral norte do estado de São Paulo. Grande parte da sua área de 188 mil metros quadrados é ocupada por uma densa floresta protegida, mas a ilha inclui umas dez praias, uma delas com acesso exclusivo. E, se não gostar de dormir ao relento vendo as estrelas no céu, tem a alternativa de se refestelar numa mansão, construída na década de 1990, que conta com nove suítes ao todo e uma sala de estar com seis divisões. Na área exterior existe uma piscina circular com vista para a paisagem desta zona repleta de colinas cobertas por floresta tropical. E mar, muito mar.

DESTAQUE DA CAPA

Divulgação/Márcio Prado



Todas as profissões têm os seus termos específicos. Isso vale para qualquer segmento do mercado - da medicina até a publicidade. Com o universo da moda, isso não é diferente. No dia a dia, as pessoas que atuam nessa área vivem falando palavras, como New Face, Top Model, Ubermodel e muitas outras.

Como é de se esperar, quem não está acostumado com esse ramo, acaba estranhando tais expressões e ficando um tanto perdido ao longo de conversas e reuniões.

New Face, traduzindo do inglês, significa "rosto novo" - e é justamente isso que essa expressão quer dizer. As modelos classificadas como New Face são aquelas que acabaram de entrar no segmento da moda, atuando como manequim ou modelo. Para muitos, as profissionais New Face são vistas como promissoras e apresentam grandes chances de se tornarem Top Models no futuro. Em resumo, essas pessoas ainda não são conhecidas pela mídia e necessitam de muito estudo, treino e aprendizado até alcançarem a fama.

Um belo exemplo é Sarah Soares, graduanda de Nutrição e vice-presidente da Liga de Nutrição, Saúde e Bem-Estar. Ela representará o município de Alcântara no Concurso Miss Maranhão CNB 2023. Sarah é envolvida em projetos sociais que visam levar orientações nutricionais para a promoção da qualidade de vida.

Campanha milionária

Nos últimos dias o cenário de candidatos a deputado federal e deputado estadual vem sendo redesenhado no Maranhão.

Tudo por conta de algumas desistências ocasionadas, segundo analistas políticos, pelo alto custo de campanha nas eleições deste ano.

Um dos responsáveis por essa "inflação" no período eleitoral seria o candidato a deputado federal Fábio Macedo, que tem envergado uma campanha milionária pelas ruas do Maranhão.

Não me convidaram

O candidato Weverton Rocha declarou esta semana nas redes sociais que o eleitor maranhense sabe muito bem diferenciar o voto para governador e o voto para presidente da República.

A declaração veio como justificativa do pedetista para não participar do ato pela candidatura de Lula em São Luís, nesta sexta-feira.

"Ele [Lula] não fez contato comigo", disse o senador.

Em outras palavras, Weverton não foi convidado para a festa de Lula.

Hélio de fora

O candidato a vice-governador Hélio Soares ainda não foi mostrado na campanha de TV de Weverton Rocha.

Pedetistas de alto coturno admitem, em rodas de conversa, que há uma briga interna na campanha de Weverton quanto à aparição de Soares.

Há um grupo que defende a presença do companheiro de chapa nos programas de televisão, por ele ser o indicado para vice por Josimar de Maranhãozinho, principal financiador da campanha de Weverton.

Já outros alegam que Hélio Soares representa o passado e que espantaria os eleitores jovens.

História da Independência

A Academia Maranhense de Letras lançou ontem a reedição fac-similar do livro "História da Independência da Província do Maranhão - 1822/1828", de Luís Antônio Vieira da Silva.

O lançamento do livro fez parte da programação da AML em comemoração aos 200 anos de Independência do Brasil - que também contou com palestra do professor Marcelo Cheche Galves.

O livro de Vieira da Silva foi publicado originalmente em São Luís em 1862 pela Typografia Progresso.

Obra indispensável

Esgotada logo depois de sua publicação, a obra "História da Independência da Província do Maranhão" foi reeditada pela Superintendência de Desenvolvimento do Maranhão (Sudema), em 1972, ano do Sesquicentenário da Independência, quando os restos mortais de D. Pedro I eram velados na capital maranhense.

A reedição fac-similar tem texto de apresentação do presidente da AML, Lourival Serejo, e nota introdutória do acadêmico Antônio Carlos Lima.

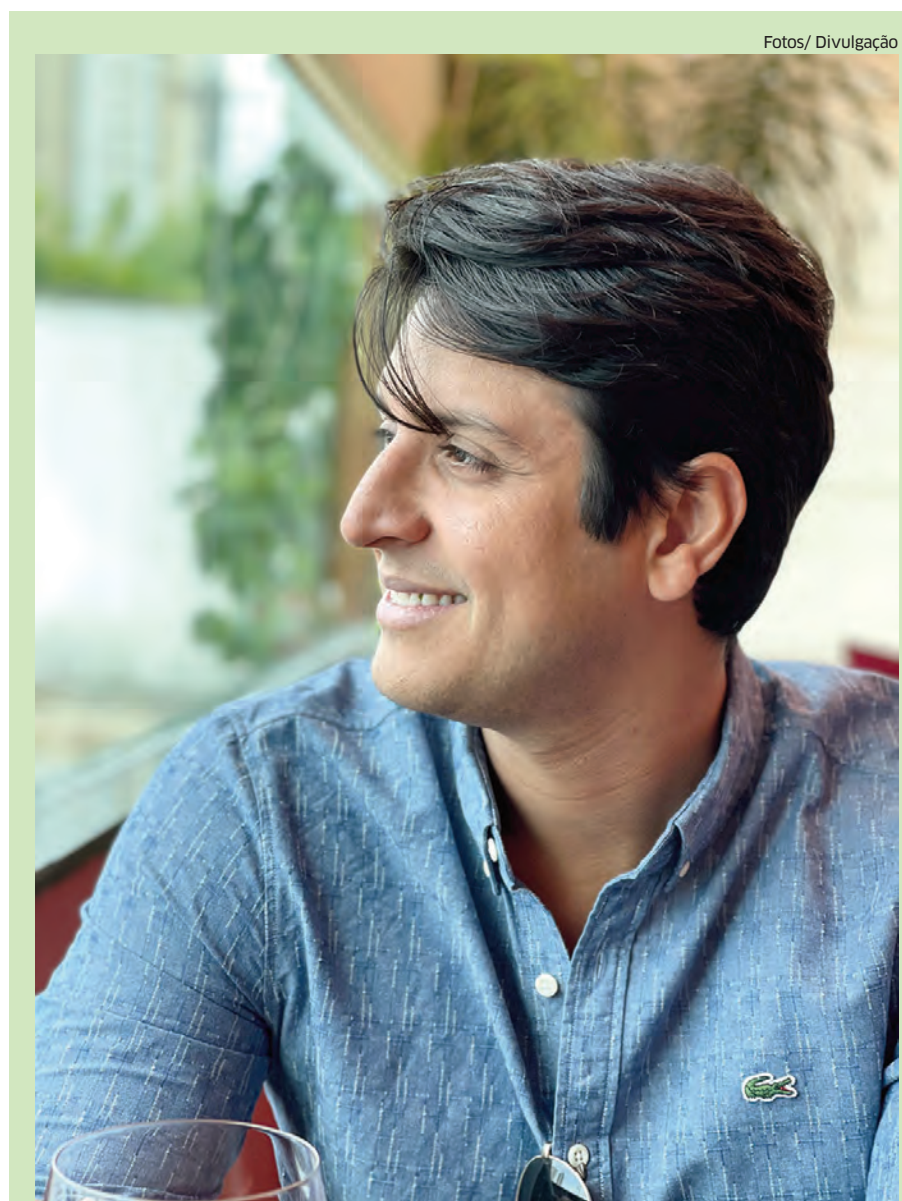
Segundo Antônio Carlos Lima, o livro de Vieira da Silva é obra indispensável para o conhecimento dos fatos relativos a um momento decisivo na formação da nacionalidade brasileira: o da definição da extensão de seu território e de seus domínios políticos e administrativos.

Prêmio Oceanos

O professor do curso de História da Universidade Federal do Maranhão, Marcelo Pagliosa, é um dos semifinalistas do Prêmio Oceanos, um dos mais importantes da Língua Portuguesa.

Marcelo concorre ao prêmio com o romance "O Evangelho segundo Madalena", lançado este ano pela Editora Reformatório.

Professor na área de estudos africanos e afro-brasileiros, Marcelo também é autor do livro "Contos para insônia".



Fotos/ Divulgação

O Top DJ Sérgio Balata leva muita energia para o happy hour deste sábado no restaurante Cabana do Sol Praia, na Avenida Litorânea, com o lançamento dos últimos sucessos de música eletrônica, a partir das 17h

México passa a exigir vistos

Fico impressionado com a ignorância, risco e quantidade de brasileiros que pagam caro para entrar nos Estados Unidos via México, e o pior, usam coiotes, pagando fortunas, sendo presos ou mortos nessa tentativa e, na melhor das hipóteses são deportados para nunca mais poderem voltar.

Se você não consegue seu visto legalmente, esqueça, pois o México também

passará a exigir vistos.

O anúncio foi feito na última semana: os cidadãos brasileiros que viajarem ao México por via aérea terão agora que apresentar um visto físico consular de visitante, deixando de ser elegíveis para o um visto eletrônico (e-Visto).

Essa é a segunda medida tomada pelo país com relação à entrada de brasileiros a turismo ou negócios.

México passa a exigir vistos...2

Segundo o governo mexicano, essas mudanças são respostas ao aumento contínuo de brasileiros que entram no México para fins diferentes daqueles permitidos ou que permanecem no país por mais tempo do que o autorizado.

O Brasil tem uma longa tradição de reciprocidade diplomática, ou seja, sempre exigimos vistos de quem exige vistos de nós. No atual governo foi a primeira vez que essa

tradição foi quebrada quando foi derrubada a exigência de vistos para cidadãos dos Estados Unidos.

No ano passado, a exigência de um visto eletrônico para o México também não encontrou recíproca brasileira. A preocupação das autoridades dos Estados Unidos com a imigração brasileira se deve ao recorde de brasileiros presos na fronteira.

Voo poético aos que passam

Ofereço-te um poema feito com energia e cultivado no ventre do amor que carrego.

Ofereço-te um poema na tarde nervosa dos teus passos, molhado com a distância que percorro diariamente e com a vontade que eu

tenho de ser teu amigo.

Ofereço-me em palavras, companheiro envolto no colar de desejos e buscas que aperta nossa garganta e nos faz abrir a boca com uma força capaz de derrubar as paredes que nos separam.

BRINDE PARA JOSÉ AHIRTON LOPES

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



O ALMOÇO DA CONFRARIA liderada pelo empresário José Walter Maciel, realizado quinta-feira no Restaurante Senac, teve uma comemoração especial e antecipada para festejar com bolo de aniversário e coro de "parabéns pra você", os 75 anos do diretor regional do Senac, José Ahirton Batista Lopes, que muda de idade neste domingo, dia 4. Na foto, José Walter Maciel, o Repórter PH e o aniversariante da semana.



Luiz Raimundo Campos Paes



Jorge Cateb Neto ganhou a primeira fatia do bolo



Brinde de José Ribamar Oliveira



José Ahirton e Amaro Santana Leite



Luiz Carlos C. Fernandes e William Ribeiro



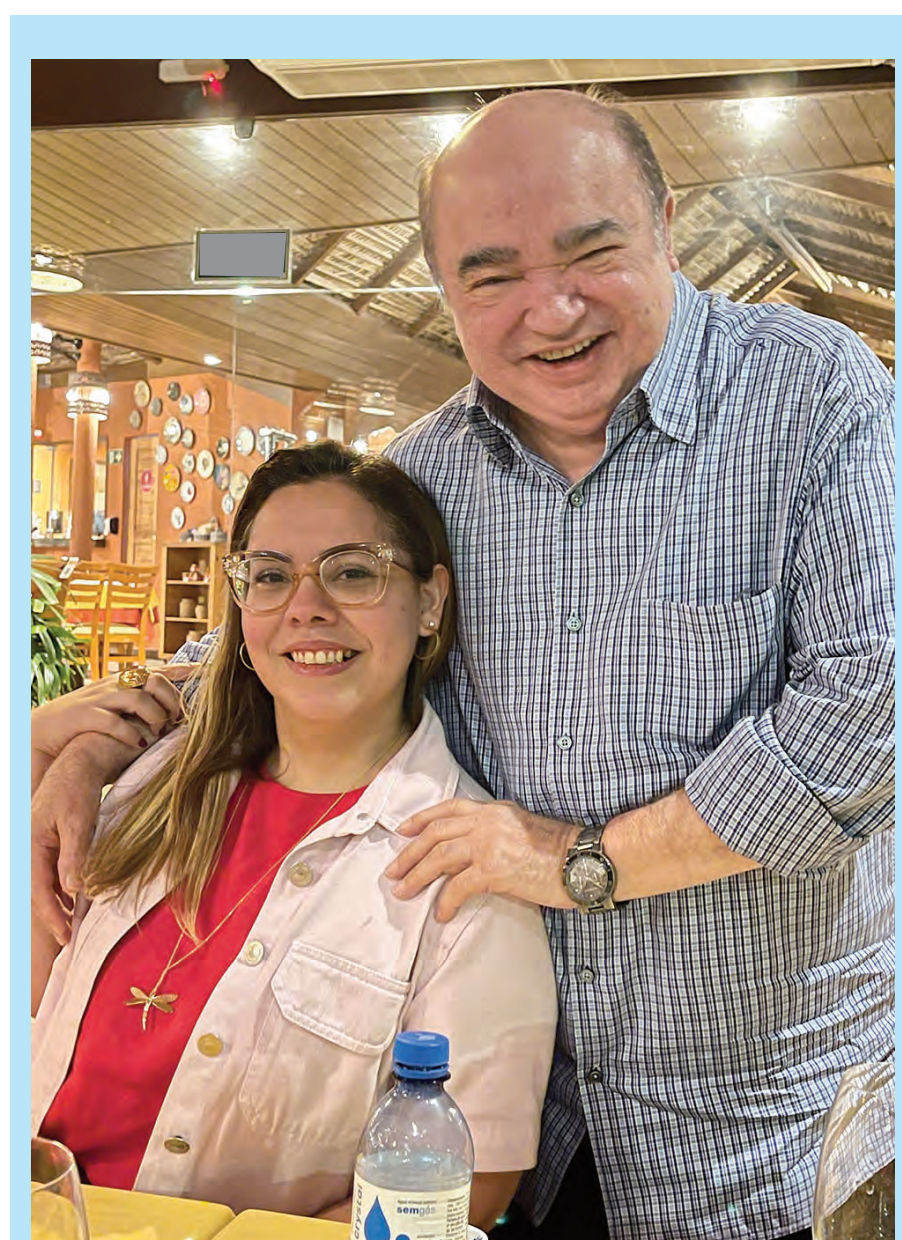
Des. José Bernardo Rodrigues



Ronald Almeida e Nan Souza



O Repórter PH brinda de champagne com o aniversariante



NO RESTAURANTE Cabana do Sol, da Ponta do Farol, que iniciou uma reforma assinada pela designer Cintia Klamt Motta, o reencontro de velhos amigos no concorrido jantar da última quarta-feira: o Repórter PH e Carol Moraes Estrela, que atualmente reside no Rio de Janeiro, onde é consultora de Meio Ambiente



A São Luís moderna com os edifícios que foram construídos na Ponta d'Areia e nas margens da Lagoa da Jansen

HISTÓRIA EM RUINAS:

velhos casarões que abrigaram importantes famílias de São Luís estão sendo engolidos pelo tempo

SÃO LUÍS – e em especial o Centro Histórico tombado como Patrimônio Cultural da Humanidade – guarda as histórias de uma época glamourosa, fruto dos dois últimos séculos. Era quando as pessoas se arrumavam vistosamente para um passeio comum na porta de casa. O transporte, começando a se modernizar, contava com a ajuda de bondes para encurtar as distâncias. Já as construções, inspiradas no velho continente europeu, davam os primeiros passos para mostrar sua imponência. Em meio a esse cenário, exemplares únicos da arquitetura assistiram a Cidade crescer e se desenvolver à sua volta.

Hoje, são imóveis que parecem fadados ao esquecimento. O destino é incerto, assim como por quanto tempo

se manterão de pé. São memórias em ruínas, mantendo escondidas beleza e tradição.

Como em uma viagem ao passado, historiadores mais curiosos andaram visitando alguns casarões na Praia Grande, no Desterro e nas mais tradicionais ruas do Centro Histórico de São Luís.

E contaram que para as pessoas que passam por aqueles prédios tombados como Patrimônio Cultural da Humanidade, sobra desconhecimento e também curiosidade sobre suas origens. A falta de preservação evidencia a necessidade de harmonia entre o velho e o novo.

A cidade é um ser orgânico e cheio de vida, como cada um de nós. Muito além da arquitetura e assinaturas de renome, os seus prédios estão carregados de

emoções singulares. Conhecê-los é um retorno às nossas raízes. Muito mais que paredes e telhados, as construções são peças importantes para entender a sociedade que se formou.

Os sobrados e casarões coloniais desta Capital abrigaram estabelecimentos comerciais, além de servir de moradia para famílias tradicionais daquela época. A maioria desses prédios tem parte do traçado feito em pedra, prática comum desde o século 17. Em alguns cômodos, é possível notar a presença de paredes recobertas, o que assinala que foram submetidos a intervenções. A junção de frisos na fachada funcionava como uma espécie de respingador, com a função de protegê-los da água da chuva.

Em ruínas, a cidade que era está, aos poucos, sendo engolida pelo tempo.



A Rua Portugal na Praia Grande tombada pela Unesco



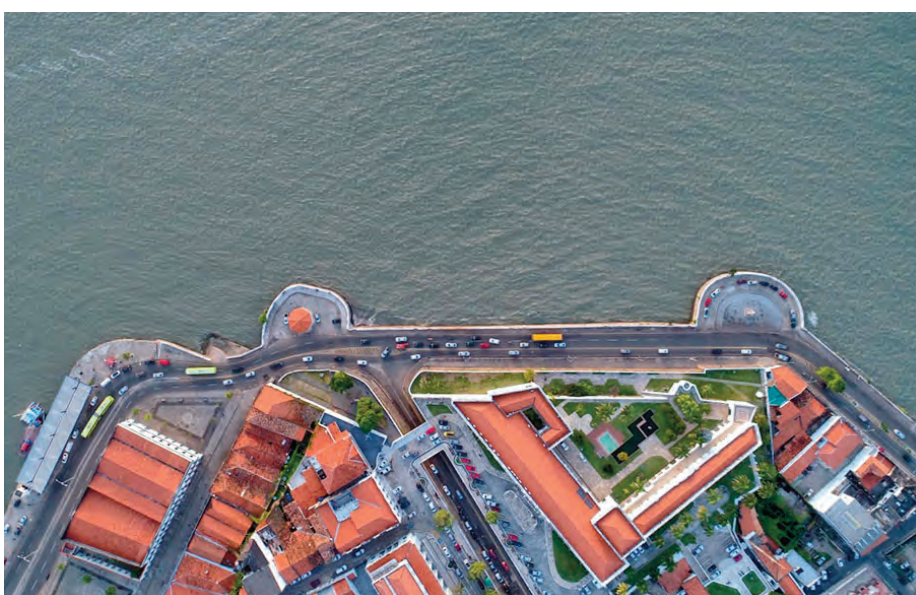
O velho mercado das Tulhas, na Praia Grande



Um barco moderno singrando as águas da baía de São Marcos



Os telhados seculares de São Luís contrastando com os prédios modernos



Trecho da avenida Beira-Mar



Duas ruas do centro histórico de São Luís em dia de chuva

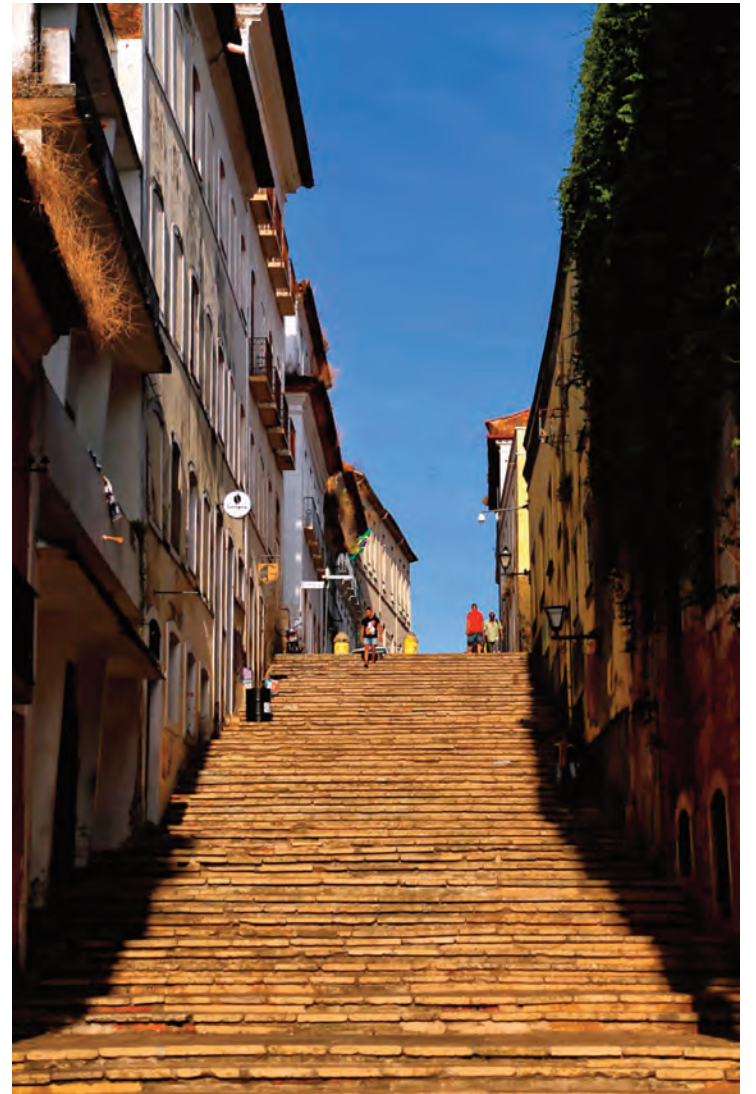
Fotos/Divulgação/Marcus Studio



Detalhe do Largo do Carmo e seu casario colonialismo



O ipê encobrendo um belo casarão do Centro Histórico



Escadaria do Beco Catarina Mina

PREGÕES

DOS TEMPOS QUE NÃO VOLTAM MAIS

Como a Lisboa antiga, "dos velhos pregões matinais, que já não voltam mais", São Luís tinha os ouvidos habituados ao "reclame" de produtos naturais e frituras – estas, arranjadas numa cesta de vime e vendidas pelo garoto do pão recheado, do pastel de camarão ou do bolo frito.

– *Venha lá minha comadre! Afilar a faca e a tesoura! Antes que o cachorro ladre! E a senhora use a vassoura.*

O afiador pilotava a roda de pedra, movida por um pedal, para afiar metais, produzindo o ruído lancinante que também servia de "anúncio" à freguesia: "cheguei".

Outro ambulante, este dos anos 1960, oferecia a roleta, biscoito fino e quebradiço, na forma cônica, apregoado num tom retumbante:

– *Olha a roleeetaaaa...*

O pitoresco não era bem o pregão. Mas o seu chamariz barulhento. O vendedor chacoalhava uma matraca. Instrumento de percussão, assentado num retângulo de madeira, muito usado em atos litúrgicos de procissões, como a do Fogaréu, no Goiás.

Artefato também utilizado na Santa Inquisição, para convocar as massas à praça pública, local da execução dos

hereges condenados à fogueira. Na Idade Média, a mesma matraca era objeto de uso obrigatório para os leprosos, que "se faziam anunciar" como medida de proteção aos "sadios".

E havia os forçados verdureiros. Nas pontas do pau de canga, em balanço sobre a nuca, balaio verdejantes. Nos ombros, a habilidade de equilibrar os dois cestos. Na garganta, o grito em flor:

– *Verdureeiro!!!*

Geladeira, em época pré-Frigidaire, era um "guarda-comida" em madeira de lei, abastecido pelas barras de gelo do Portinho – verdadeiros "icebergs" na forma de gigantescos tabletes embrulhados em serragem.

Infalível era a carreta do peixeiro, que empilhava os pescados em seu compartimento aberto aos quatro ventos. O peixe ainda saltitava, as escamas cobertas por uma camada de areia fina, como se toda pescadinha já se apresentasse à milanesa. Um velho pescador de Ribamar valorizava suas pescadas amarelas:

– *Freguesia, tira a prova! Minha pescada é só com ova*
Ou:

– *Pra assar no fogo à lenha! Minha pescada já vem preinha*

Havia o padeiro, o único que não apregoava o seu produto usando a garganta. Batia com a tampa de madeira na borda da sua meia-carreta, espécie de balcão ambulante onde repousava o pão fresquinho – o de trança, com açúcar cristal por cima, o francês, o de trigo e as rosquinhas de polvilho...

Diferente do padeiro tinha o vendedor de cuscuz:

– *Olha o cuscuz Ideal!...*

E havia vendedores magros e desnutridos, que de forte só tinham o bordão. Armazenavam na cesta de vime, coberta por um pano de prato, frituras cheirosas e saturadas, feitas sabe-se lá com que asseio. Pastéis, rosquinhas, bolo frito, pão-de-ló da vovó e as "fatias douradas", boiando num mar de açúcar e canela.

Belos tempos. Uma época em que a ética presidia esse comércio de artesãos.

Junto com a vagem e a alface, o velho verdureiro do passado parece ter vendido, com o tomate restante e a derradeira macaxeira, a última raiz de honestidade extraída da face da terra.



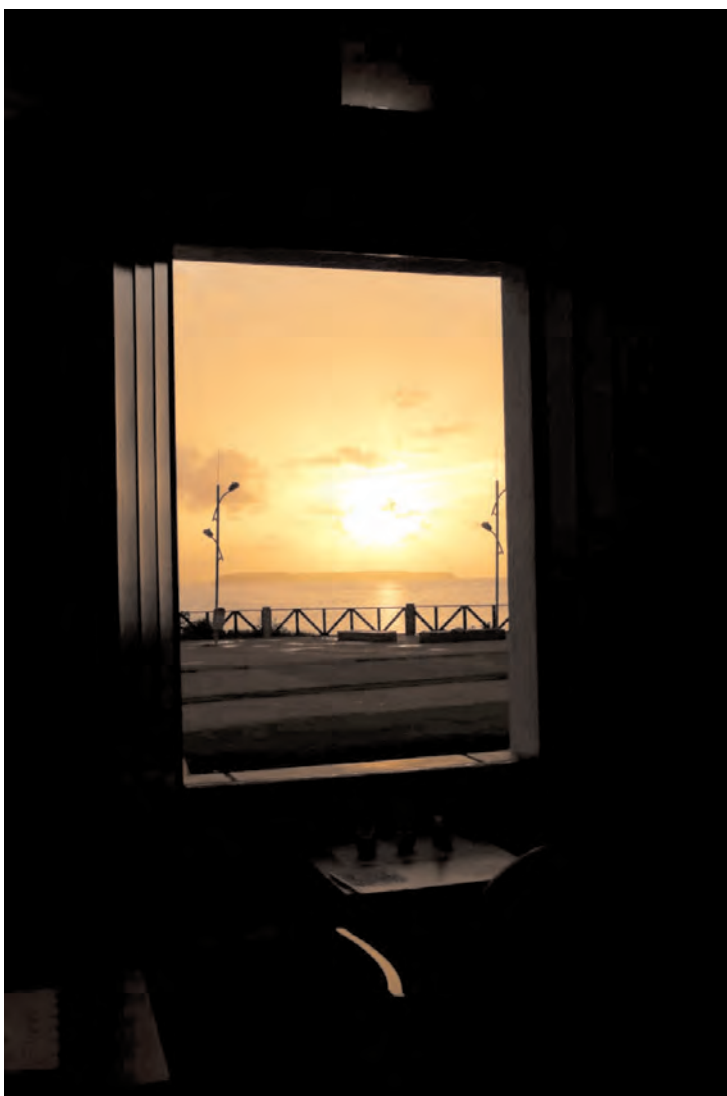
O Palácio dos Leões visto da av. Beira Mar



Velho casarão da Praia Grande



Jovens caminhando pelas ruas da Praia Grande



Janela de um velho casarão aberta para a baía de São Marcos



Sobrado antigo da São Luís colonial



Antonio Fagundes em seu primeiro trabalho depois que deixou a Globo, interpretando o pai de Dom Pedro I



Antonio Fagundes com a executiva da TV Cultura, Ana Karin Andrade

MINISSÉRIE

“Independências” celebra, na TV Cultura, os 200 anos da Independência do Brasil

No momento em que o Brasil celebra o bicentenário da proclamação de sua Independência, o diretor Luiz Fernando Carvalho estreia na TV Cultura, justamente em 7 de setembro, a minissérie Independências, que trata desse importante e controverso momento da nossa História.

Criado com exclusividade por Luiz Fernando para a emissora pública, o projeto é resultado de um ano e meio de trabalho, entre pesquisa, criação e realização, e conta com 16 episódios, que serão exibidos semanalmente até o final de 2022.

A pesquisa inicial foi realizada pelo jornalista José Antonio Severo. Luiz Fernando Carvalho desenvolveu a minissérie em parceria com Luís Alberto de Abreu, companheiro de outros trabalhos, como Hoje É Dia de Maria (2005), A Pedra do Reino (2007) e Capitu (2008).

O texto é de Luís Alberto, com roteiro de Paulo Garfunkel, Alex Moletta e Melina Dalboni. Os colaboradores são Kaká Werá Djecupé, Ynaê Lopes dos Santos, Cidinha da Silva e Tiganá Santana. Ao professor Niyi Monanzambi, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), coube a tradução do texto para o kimbundu, quando necessário.

Luiz Fernando Carvalho possui um currículo que reúne mais de 35 anos de uma carreira repleta de êxitos na televisão aberta e no cinema. Entre esses trabalhos, além das minisséries já citadas temos outras, como Os Maias (2001), da obra de Eça de Queiroz, adaptada por Maria Adelaide Amaral, e novelas como Renascer (1993), O Rei do Gado (1996), Esperança (2002), Meu Pedacinho de Chão (2014) e Velho Chico (2016) – todas da rica parceria de Luiz Fernando com Benedito Ruy Barbosa.

A história que a História não conta

O projeto partiu da necessidade de se recontar o Brasil através de uma releitura que se convencionou chamar de Nova Historiografia. A ideia central de Luiz Fernando Carvalho é reivindicar a participação de um enorme conjunto de saberes, culturas, subjetividades e personagens que foram postos à margem ou que, violentamente, foram apagados

pela história oficial.

Entre estes desmoronamentos históricos, observa-se a importância do protagonismo feminino na Independência do Brasil, como o da própria Leopoldina, artífice central no processo da Independência. Surgem figuras como Maria Felipa, cuja participação foi referencial na luta pela independência da Bahia, e o Padre José Maurício, maestro negro da Corte Imperial, mas ausente dos registros tradicionais.

Na visão do diretor, a minissérie oferecerá aos telespectadores de todo o País a consciência de acontecimentos e personagens reais que até então se encontravam submersos, escondidos pelo manto de uma didática tida como versão absoluta pela visão eurocêntrica.

“Através de uma fabulação de vozes múltiplas, avistaremos um país nascido sob o signo da pluralidade. É uma escavação. Iremos escavando em busca do passado, reencontrando fantasmas nas salas do império, colonialismo, violência social, autoritarismo e escravidão. Fantasmas que, infelizmente, ainda se manifestam no presente como prática arraigada. Sem esta reflexão sobre a constante atualização do colonialismo histórico e suas estruturas de poder, me parece uma falácia pensarmos a ideia de um futuro, um país mais belo e justo para todos”, afirma Luiz Fernando.

Independência ou Golpe?

O desejo de falar sobre o Brasil do século 19 habita a criação de Luiz Fernando Carvalho há tempos. Ele já tratou da época em Os Maias e Capitu, mas, enquanto a primeira se passava em Portugal, a segunda apresentava um conflito intimista. Desde então, o diretor buscava falar sobre esses primeiros anos de um século tão fundamental para entender o Brasil de agora.

“Eu talvez possa afirmar que se trata de um trabalho atual, não de época. Nosso presente está repleto de passado. Me parece fundamental fazermos essa ponte entre nossas fundações e os desdobramentos que ocorreram nos séculos seguintes. O século 19 foi um período estrutural, iniciando avanços e tragédias com as quais lidamos até hoje. A história do Brasil sempre nos foi contada

de forma romantizada, quando, na verdade, é trágica, bárbara, marcada por golpes e genocídios que precisam ser iluminados”, pontua o diretor.

Nova dramaturgia histórica

“Através de meus trabalhos, sempre me pergunto: Que país é esse? Agora se faz necessária a atualização dessa interrogação”, afirma Luiz Fernando, que aponta para o uso de informações atuais no roteiro.

É o caso do envenenamento de Dom João VI, que só foi confirmado no início dos anos 2000, após a exumação de seu cadáver. É um fato que altera a história oficial e que vai impactar diretamente na ‘nova dramaturgia histórica’ proposta pela minissérie. Antonio Fagundes interpreta o pai de Dom Pedro I.

A missão da TV aberta

O projeto Independências retoma a missão da TV aberta na concepção de Luiz Fernando Carvalho, que encontrou eco nos valores da atual gestão de José Roberto Maluf na TV Cultura.

“Minha busca é por oferecer ao homem comum, simples e fraterno, uma televisão que privilegie a inteligência e a sensibilidade de todo um país, sem com isso abrir mão do espetáculo. Enxergo a dimensão que a televisão alcança e tratá-la apenas como diversão me parece bastante contestável. Precisamos de diversão, mas também precisamos nos orientarmos e entender o mundo”, analisa o diretor.

A pré-estreia de “Independências”, ocorreu na última terça-feira, no CineSesc, em São Paulo. O evento que exibiu o primeiro capítulo do projeto contou com a presença do diretor da produção, cineasta e diretor de TV Luiz Fernando Carvalho, além do elenco e equipe, entre eles, Antônio Fagundes, Daniel de Oliveira, Walderez de Barros, Ilana Kaplan, Isabél Zuava, Alana Ayoka e Cassio Scapin.

Resultado de um trabalho colaborativo que levou um ano e meio para a pesquisa, criação e realização, partiu da necessidade de se recontar o Brasil por meio de de uma releitura que se convencionou chamar de nova historiografia.

Estreia da Minissérie

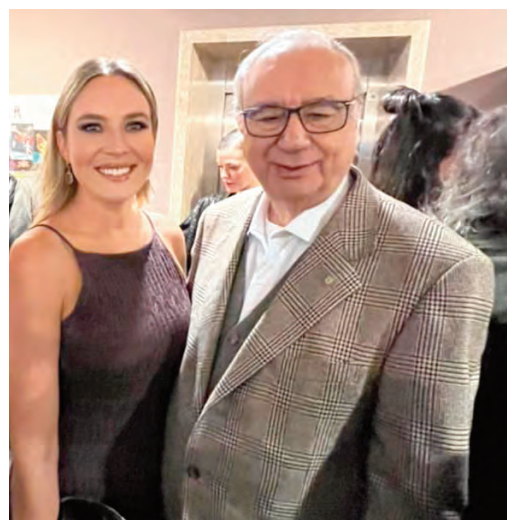
“Independências” estreia após o Jornal da Cultura na próxima quarta-feira (7), data em que o Brasil celebra o Bicentenário da Independência. Ao total, a produção terá 16 episódios, que serão exibidos semanalmente até o final do ano.

A transmissão não ocorrerá apenas no Brasil, mas também internacionalmente. A informação foi divulgada pelo presidente da Fundação Padre Anchieta (FPA) José Roberto Maluf, durante a Expo 2020 Dubai. “Com esta nova minissérie, a TV Cultura torna-se a única emissora brasileira a fazer uma produção pelo bicentenário da independência do Brasil, que será exibida em diversos países como China, Argentina, Colômbia, México, Rússia, Portugal e em emissoras públicas de outras nações”.

Entre os atores e atrizes especialmente convidados para a produção estão nomes como Maria Fernanda Cândido, Jussara Freire, Walderez de Barros, Léa Garcia, Pedro Paulo Rangel, Fafá de Belém, Margareth Menezes, Cacá Carvalho, Renato Borghi e mais.



Cena romântica da minissérie



Luiza Sexton (faz o papel de Leopoldina) e o presidente da TV Cultura. José Roberto Maluf



Atriz Walderez de Barros



Em ação, a atriz Jussara Freire



Ana Karin Andrade entre o ator que faz José Bonifácio e o vice-presidente da TV Cultura



Atriz Marcela Vivan Russo



Atriz Maria Fernanda Cândido



Ana Karin Andrade e Luiz Fernando Carvalho, diretor geral da minisséries

Evandro Júniorevandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

[@evandrojr](https://twitter.com/_evandrojr)[@evandrojr](https://www.instagram.com/_evandrojr)

Quadra 66

A Artesanal Quadra 66, primeira cervejaria maranhense medalha de prata no Concurso Brasileiro de Cervejas com o estilo Strong Bitter e medalha de bronze no Brasil Beer Cup com o estilo Hop Lager, acaba de conquistar mais um título de peso: o de levar em seu rótulo o selo São Luís Patrimônio Mundial - 25 anos, outorgado pela Fundação do Patrimônio Histórico de São Luís.

Referência aos azulejos

O lançamento nacional aconteceu no dia 1º de setembro, na loja da fábrica da Quadra 66, no Araçagi. O selo, que faz referência aos azulejos que compõem diversas fachadas de construções coloniais do Centro Histórico, será disponibilizado às empresas que queiram estampá-la em seus produtos e peças promocionais.

Puro malte

A cerveja artesanal tem adquirido, em escala progressiva, destaque no mercado das cervejas maranhenses e nacionais, conquistando muitos adeptos para consumi-la em seus diversificados estilos, que definem sabores e aromas diferenciados. Com duas premiações nacionais para exibir na galeria, a cervejaria Quadra 66 cataloga sete estilos puro malte.

Boticário relança Ma Chérie

O Boticário retoma uma das linhas mais queridas e aclamadas dos anos 90. A pedido dos consumidores, Ma Chérie, fragrância lançada em 1997, retorna ao Boti com aroma, cartuchos e design das embalagens fiéis à sua versão original.

Bergamota e musk

Compostos por notas de lavanda combinadas com o frescor natural de bergamota e fundo musk, os itens de Ma Chérie já estão disponíveis nas lojas do Boticário e no e-commerce da marca com valores promocionais até o dia 18 de setembro.

Candidato mais velho

O candidato mais velho a pedir registro nas Eleições 2022 é José Ribamar Cutrim Gomes, 95 anos, que concorre a uma vaga de deputado federal pelo PRTB no Rio de Janeiro. Ele nasceu em 1927, em São Luís. A idade é cinco vezes maior que a da candidata mais nova no pleito deste ano, Pamela Mendes, 18 anos. Ela tenta uma cadeira de deputada estadual em Pernambuco pelo PMN e se declarou indígena à Justiça Eleitoral.



Dinho Ouro Preto, do Capital Inicial, retorna ao Maranhão no dia 8 de outubro com toda a banda para um show de abalar quarteirões no Hotel Blue Tree. O evento é assinado pela Pororoca Produções em parceria com a Acontece Produtora e Kazuo. Serão mais de 6 horas de muita festa em um espaço preparado e transformado para que o público se sinta em um grande festival de rock

Fotos/Divulgação



Depois da colação de grau da Faculdade de Negócios Faene, o casal de empreendedores da educação Ricardo e Michele Carreira já está a todo o vapor preparando a programação alusiva aos 20 anos da Faene em 2023



Ivan Marques, com seu Pagode do Ivan, solta a voz neste domingo no Casarão Colonial, no Centro Histórico de São Luís. Com vasta experiência nos palcos, o artista tem sido convidado com frequência para se apresentar no espaço, que receberá, também, Biu do Piseiro, Grupo CDC, Samba de Reis e DJ Arsênio Filho



Um flagra da maranhense Tennessee Bacelar, que mora há muitos anos em Nova York, aproveitando o verão quente dos Estados Unidos

- Todo mundo na expectativa para mais uma festa "Somos Todos Marista 2022". O evento acontecerá no dia 19 de novembro, a partir das 16h, no Colégio Marista Araçagi.

- A venda de ingressos teve início no dia 27 de agosto. A confraternização de ex-alunos da instituição acontece, também, em diversas outras capitais brasileiras.

- O evento é sempre organizado pelas melhores produtoras do ramo de cada região. No Maranhão, a escolhida foi a Pororoca Produções.

- Neste sábado e domingo, tem Festival do Marisco, no Timbuba, em Paço do Lumiar. O evento é organizado pela Associação de Moradores e Adjacências. A programação de shows terá Grupo Deixa Clarear, Fabiana Alves, Ray Alves e Pallace Show.

- O objetivo é dar mais visibilidade ao turismo e à comunidade, gerando renda em benefício dos moradores, em especial os pescadores e marisqueiros, que terão a oportunidade de mostrar aos visitantes um pouco mais de seu trabalho.

- Além da geração de renda, o festival divulga o município de Paço do Lumiar, sua culinária, artesanato e passeios náuticos, que serão ofertados aos visitantes.

- A Justiça Eleitoral recebeu pelo menos 28 mil registros de candidaturas para as eleições de outubro. Do total, 16.507 disputam uma vaga de deputado estadual e 592, de deputado distrital.

- A região com o maior número de candidatos a deputados estaduais é a Sudeste, com 5.582. Em segundo lugar, aparece o Nordeste, com 4.186, seguido da região Sul, com 2.326, Norte, com 2.909 e Centro-Oeste, com 1.504.

- Segundo dados do TSE atualizados até o dia 24, foram recebidos 12 registros de candidaturas à Presidência e 12 a Vice-Presidência, 223 para governador, 236 para senador, 10.456 para deputado federal e 592 para deputado distrital.

- O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) deu início à Cerimônia de Assinatura Digital e Lacração dos Sistemas Eleitorais, uma das etapas técnicas obrigatórias para a realização das eleições.

- O evento ocorre por uma semana até a próxima sexta-feira (2), às 18h, quando o presidente do TSE, ministro Alexandre de Moraes, e outras autoridades assinam digitalmente a versão final dos softwares utilizados nas eleições.

- A cerimônia de assinatura e lacração ocorre a cada eleição e marca o fim da etapa de desenvolvimento e inspeção dos sistemas eleitorais. Durante a lacração dos sistemas, dez analistas do TSE realizam uma última verificação dos códigos-fonte, para saber se estão íntegros e funcionais.



O suor pinga do topete desarrumado de Austin Butler enquanto ele canta "Trouble", em uma das cenas musicais inesquecíveis de Elvis

ELVIS PRESLEY

revisitado com um retrato perturbador por um dos gênios da Sétima Arte

Perto do início de "Elvis", o filme de Baz Luhrmann hiperdivertido e completamente perturbador sobre a vida e os tempos de Elvis Presley, eu me perguntava o que estava assistindo. Fiquei imaginando enquanto Luhrmann dividia a tela, cortava em pedaços, reduzia o movimento, espalhava a cor e transformava Elvis não apenas em um rei, mas também em um salvador, um mártir e uma figura transformadora dos direitos civis americanos que – por sua inocência, decência, música e quadris girando – ajudaram a curar uma nação.

Em termos convencionais, "Elvis", que está em cartaz nos cinemas de São Luís, pode ser classificado como um retrato biográfico, uma história do berço ao túmulo (mais ou menos) de um menino de Tupelo, Mississippi (USA), que se tornou uma sensação da cultura pop e um triste conto de advertência – interpretado como adulto pelo bonito Austin Butler – apesar do homem malvado, também conhecido como coronel Tom Parker (Tom Hanks), que o preparou. Mas Baz Luhrmann – cujos filmes incluem "Moulin Rouge", "O Grande Gatsby" e "Austrália" – não faz coisas simples ou comuns. Um maximalista visual, ele gosta de ficar grande e depois maior, e gosta de ficar super espalhafatoso. A maioria dos cineastas só quer tirar a foto; os grandes lutam pela perfeição. Luhrmann quer deslumbrá-lo.

O eixo narrativo do filme e, estranhamente, seu personagem mais vividamente realizado é o Coronel Parker, a quem Tom Hanks encarna com uma barriga enorme, obviamente falsa, bochechas extravagantes, um nariz que se projeta como a proa de um navio e um sotaque desconcertante. Eu adoraria ter ouvido as conversas de Luhrmann e Hank sobre suas ideias para o personagem; se nada mais, poderia ter explicado o que no mundo eles estavam procurando aqui. Sinceramente, não tenho a menor ideia, embora a imagem de Sydney Greenstreet aparecendo ameaçadoramente em "The Maltese Falcon" repetidamente tenha vindo à mente.

Escrito por Baz Luhrmann e vários outros, o filme traça a trajetória de Elvis Presley através de Parker, uma escolha curiosa já que o coronel é o vilão da peça. Eles se encontram quando Elvis é um jovem desconhecido e ainda sob a proteção de sua mãe e seu pai. Assim que o coronel vê Elvis se apresentar – ou melhor, testemunha as reações eufóricas do público feminino – ele percebe que esse garoto é uma mina de ouro. O coronel se aproxima, seduz Elvis e o coloca sob seu domínio explorador. O resto é história, que Luhrmann acompanha desde a obscuridade até Graceland e finalmente Las Vegas.

Mesmo os não-elvisologistas deveriam reconhecer os contornos dessa história, pois ela muda do menino bonito para o talento

sensacional e o ídolo caído. Dito isso, aqueles que não sabem muito sobre a feitura da vida de Elvis podem se surpreender com algumas das ideias que Luhrmann avança, principalmente quando se trata do movimento pelos direitos civis. Um músico branco que toca e ajudou a popularizar a música negra para a América branca, Elvis foi, sem dúvida, uma figura de passagem criticamente importante. O que é desconfortável é o papel descomunal que Luhrmann dá a Elvis na excruciante história racial da América.

No evangelho de Elvis que Luhrmann prega aqui, o intérprete titular não é apenas um admirador ou intérprete (muito menos explorador) da música negra. Ele é, em vez disso, uma figura profética de mudança que – por causa do tempo que passa na igreja negra, nas casas de juke negras e nos clubes de música negra – será capaz de preencher a divisão entre as raças ou pelo menos fazer os brancos tremer, chacoalhar e rolar. Quando criança, Elvis sente o espírito no púlpito e além; mais tarde, ele se torna um instrumento de mudança copiando o êxtase negro e bombeando seus quadris finos para o público branco, levando-os a um frenesi sexualizado.

A medida que Elvis ascende e os esquemas do coronel, Luhrmann mantém as muitas partes zumbindo, empurrando a história para o overdrive. Os anos 1950 dão lugar aos anos 1960 e 1970 em meio a canções, brinquedos caros, assassinatos, tragédias pessoais e o descanso de sempre, embora eu não me lembre de ter ouvido as palavras Guerra do Vietnã. Familiares entram e saem, lágrimas são derramadas, pílulas estouradas. Existem lacunas significativas (sem Ann-Margret ou Richard M. Nixon), e, fora uma cena agradável em que o Elvis de Las Vegas organiza um grande conjunto de músicos, também há pouco sobre como Elvis realmente fez música. Ele ouve música negra e, quase por osmose e pura gentileza, torna-se o Rei do Rock 'n' Roll.

Enquanto Austin Butler faz beicinho, arde e sua, ele foi encarregado de um papel que parece impossível. A beleza arrebatadora de Elvis, que permaneceu intacta mesmo quando seu corpo começou a inchar, é um obstáculo, assim como seu carisma e talento. O desempenho de Butler ganha força à medida que Elvis envelhece, principalmente quando chega a Las Vegas. Um problema insuperável, no entanto, é que Luhrmann nunca permite que uma única cena ou música seja reproduzida sem de alguma forma se preocupar com ela – cortando, acelerando, girando a câmera de um lado para outro, empurrando para dentro e para fora – às vezes um hábito enlouquecedor que significa que ele está sempre chamando a atenção para ele e para longe de Butler, mesmo quando sua jovem estrela disposta está fazendo o possível para incendiar a casa.

Lembranças de um mito de minha geração

Minha primeira e mais forte lembrança de Elvis Presley é de sua morte. Ele tinha apenas 42 anos, mas já parecia, em 1977, pertencer a um mundo muito mais antigo. Nos 45 anos desde então, sua celebridade tornou-se quase inteiramente necrológica. Graceland é um local de peregrinação e um mausoléu.

"Elvis" de Baz Luhrmann funciona poderosamente para dissipar essa melancolia funerária. Luhrmann, cuja relação com o passado sempre foi irreverente e anti-nostálgica, quer chocar Elvis de volta à vida, imaginar quem ele era em seu próprio tempo e o que ele pode significar no nosso.

A trilha sonora agita a lista de reprodução esperada com choques de hip-hop (estendido em uma suíte nos créditos finais), pedaços de techno e slatherings de schmalz sintéticos de trilha sonora. A mensagem sonora – e o argumento

mais forte do filme para a relevância do assunto – é que a mistura de blues, gospel, pop e country de Presley continua a mudar e polinizar no presente musical. Ainda há muita agitação acontecendo.

Como filme, porém, "Elvis" oscila e oscila, preso em uma armadilha apenas parcialmente criada por ele mesmo. Sua interpretação de um conto essencialmente americano de raça, sexo, religião e dinheiro oscila entre o revisionismo loquaz e a mitologia zumbi, sem saber se quer ser uma fábula pop luxuosa ou um melodrama trágico.

O desenho de produção macabro e espalhafatoso, de Catherine Martin (esposa de Luhrmann e parceira criativa de longa data) e Karen Murphy, está cheio de desprezo de carnaval e vulgaridade de Vegas. Todo aquele cetim e strass, filtrados pela cinematografia polpuda e dominada pelo vermelho, evoca uma atmosfera de erotismo frenético e lúgubre. Você pode confundir isso com um filme de vampiros.

Não seria inteiramente um erro. A trama central lança Elvis (Austin Butler) como vítima de um poderoso e desonesto demônio sugador de sangue. Esse seria o coronel Tom Parker, que fornece narração em off e é interpretado por Tom Hanks com uma montanha de gosma protética, um sotaque bizarro e um brilho de sim-sou-realmente-eu em seus olhos. Parker foi o empresário de Presley durante a maior parte de sua carreira, e Hanks o retrata como parte vigarista, parte Mefistófeles.

"Eu não matei Elvis", diz Parker, embora o filme insinue o contrário. "Eu fiz Elvis". Na mente do Coronel, eles eram "o showman e o boneco de neve", parceiros iguais em um longo golpe extremamente lucrativo.

Como biografia de Presley, "Elvis" não é especialmente esclarecedor. O material básico está todo lá, como estaria na Wikipedia. Elvis é assombrado pela morte de seu irmão gêmeo, Jesse, e dedicado à

sua mãe, Gladys (Helen Thomson). As relações com seu pai, Vernon (Richard Roxburgh), são mais complicadas. O menino cresce pobre em Tupelo, Mississippi e Memphis, encontra seu caminho para o estúdio de gravação da Sun Records aos 19 anos e começa a incendiar o mundo. Depois, há o Exército, o casamento com Priscilla (Olivia DeJonge), Hollywood, uma transmissão de retorno em 1968, uma longa residência em Las Vegas, o divórcio de Priscilla e o espetáculo triste e inchado de seus últimos anos.

Butler está bem nos poucos momentos de drama fora do palco que o roteiro permite, mas a maior parte da ação emocional é telegrafada no habitual estilo enfático e sem fôlego de Luhrmann. O ator parece mais plenamente Elvis – como Elvis, o filme sugere, era realmente ele mesmo – na frente de uma plateia. Esses quadris não mentem, e Butler captura a fisicalidade latente de Elvis, o artista, bem como a brincadeira e a vulnerabilidade que levaram as multidões à loucura. A voz não pode ser imitada, e o filme sabiamente não tenta, remixando gravações reais de Elvis ao invés de tentar replicá-las.

Em sua primeira grande apresentação, em um salão de dança em Texarkana, Arkansas, onde divide um show com Hank Snow (David Wenham), o filho de Snow, Jimmie (Kodi Smit-McPhee), e outros artistas country, Elvis sai em um termo rosa brilhante, maquiagem pesada nos olhos e topete brilhante. Um cara na plateia grita um insulto homofóbico, mas depois de alguns compassos o encontro daquele cara e todas as outras mulheres na sala estão gritando a plenos pulmões, "tendo sentimentos que ela não tem certeza se deve gostar", como o Coronel coloca. Gladys está apavorada, e a cena carrega uma pesada carga de perigo sexualizado. Elvis é um Orfeu moderno, e essas mênades estão prestes a despedaçá-lo. Em outra cena, em Memphis, Elvis assiste Little Richard (Alton Mason) rasgando "Tutti Frutti" (uma música que ele faria cover) e vê uma alma gêmea.

Como muitas pessoas que escrevem sobre a cultura popular americana – ou que apenas cresceram na segunda metade do século 20 – passei muito tempo pensando em Elvis. "Elvis", com todas as suas falhas e compromissos, me fez querer ouvi-lo, como se fosse a primeira vez.

Quem é da minha geração e ainda não foi ao cinema ver Elvis, o Musical, não sabe realmente o que está perdendo. Quando vi o anúncio da Warner sobre um novo filme que levaria o título de uma das entidades musicais mais importantes da música, confesso que minha cabeça ficou povoada de dúvidas.

Passada a sua estreia, só na última segunda-feira tive um grande alívio: "Elvis" é um ótimo filme. Em primeiro lugar porque os famosos exageros de Baz caem como uma luva nessa filmografia e a escolha do jovem e bonito Austin Butler como seu protagonista não poderia ser mais acertada. Um rosto ainda pouco conhecido da grande audiência, Austin é uma excelente surpresa e uma aposta certa do diretor. Carismático, seguro, envolvente e dono de um certo mistério, o que o ator realiza como Elvis é um estrondoso estudo de personagem em toda a sua

intensidade, em toda a sua magnitude e em toda a sensualidade. Charme, beleza e personalidade transbordam na interpretação de Austin e não apenas em sua versão superstar, mas também moram na delicadeza da compreensão do homem Elvis.

Aliás, temos aqui um filme que em muitas camadas preocupa-se em entender o homem por trás do mito, as suas motivações, os desníveis psicológicos causados por outro importante personagem no longa, Coronel Tom Parker, interpretado pelo usual talento de Tom Hanks.

O diretor acerta muito em nos apresentar o furacão Elvis Presley aos poucos, até jogar na tela o resultado, como uma bomba, um homem como jamais havia existido nos palcos. E é aí que todo o colapso da reação do público pode ser sentida em potência máxima graças aos exageros de câmera de Baz.

Um homem, antes de tudo

O suor pinga do topete desarrumado de Austin Butler enquanto ele canta "Trouble", em uma das cenas musicais inesquecíveis de Elvis.

Registrado em gloriosa câmera lenta por Baz Luhrmann e pela diretora de fotografia Mandy Walker, ele se atira na direção do público, o rosto a centímetros da plateia enquanto declama que "não aceita ordens de nenhum tipo de homem". Elvis quer, acima de qualquer coisa, te fazer entender a euforia que Elvis Presley provocava ao vivo, o coquetel irresistível de rebeldia, ritmo e carisma que mexia com uma parte visceral do público.

É verdade, é claro, que Elvis foi um homem. Tantas biografias, no entanto, se perdem no caminho de tentar decifrar algo intrinsecamente indecifrável: as idas e vindas, os cantos mais escuros e complicados, as partes mais íntimas e privadas da vida de uma pessoa de verdade.

Sou muito fã de Elvis! Não conseguia imaginar como resumir a vida de um cara tão intenso em poucas horas de um filme, mas devo admitir que estou chocado e emocionado com tanta competência e talento de todos que se esforçaram para a realização dessa obra-prima! Vale muito a pena! Tanto para os que já conhecem Elvis, quanto para aqueles que acham que conhecem e ainda mais para as gerações que não tiveram a sorte de viver a era de um artista tão fantástico!

Nas 2 horas e 40 minutos de filme somos apresentados ao "mundo comum" do aspirante a herói, o "chamado à aventura" que ele recebe, a recusa, as provações e todas as etapas do modelo padrão e quase gasto da Jornada do Herói de contar histórias. Porém, até nisso temos algumas inovações.

Contado não sob um ponto de vista onisciente, nem sob o ponto de vista do próprio Elvis e nem mesmo de forma inteiramente linear, a obra é narrada na perspectiva do personagem que é o sábio mentor do herói e ao mesmo tempo o ardiloso vilão, seu empresário, Coronel Tom Parker, magistralmente interpretado por Tom Hanks.

Em um único filme, podemos sorrir, nos divertir, dançar, chorar, sair aos prantos das salas de cinema com a história do Rei do Rock e a forma criativa e extravagante de Baz Luhrmann usada para contá-la e homenageá-la.



Elvis é um estrondoso estudo de personagem em toda a sua intensidade, em toda a sua magnitude e em toda a sensualidade